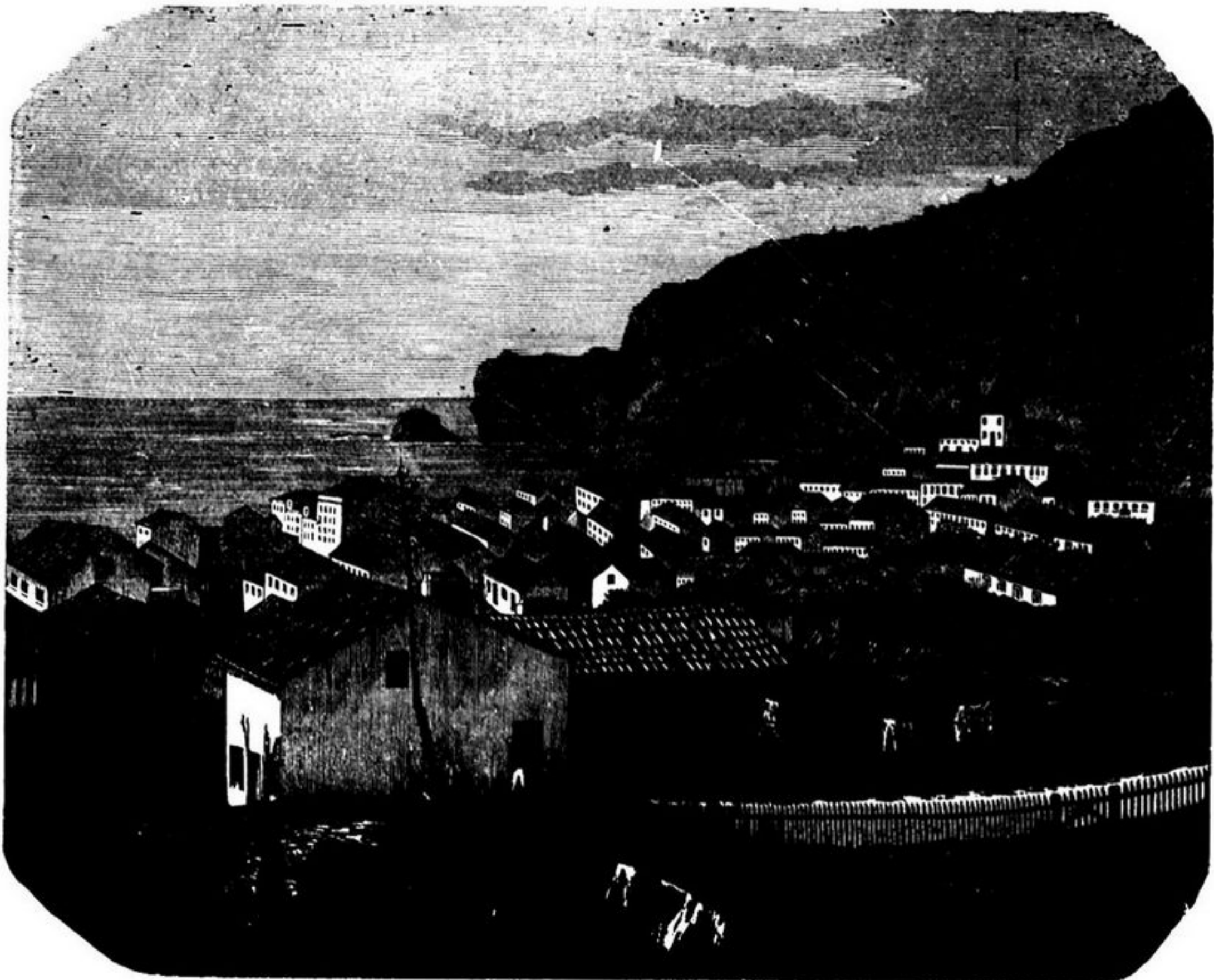
2.º anno Lisboa, 3 de agosto de 1885 Numero 3

A Illustração Portugueza

Semanario

REVISTA LITTERARIA E ARTISTICA

COLLABORADORES—Bulhão Pato; C. Castello Branco; C. Dantas; C. Bellem; E. de Barros Lobo (*Beldemonio*); Eça de Almeida; E. Schwalbach; F. Caldeira; F. Palha; D. G. Torrezão; Gallis (A.); J. C. Machado; J. de Menezes; L. A. Palmeirim; M. de Assumpção; Marcellino Mesquita; P. dos Reis; Pinheiro Chagas; Sergio de Castro; Thomaz Ribeiro; Visconde de Monsaraz; Visconde de Benalcanfor; etc.

SUMMARIO

PRAIA DA NAZARETH

CHRONICA

O que dirás tu hoje, Chronica amiga, n'esta Lisboa abrasada e somnolenta que o mez de julho despovoou? O que dirás?

Que coisas poderás tu ter para contar, *poverina*, se te deixaram só, entregue aos teus proprios recursos que são nullos, e se a nota alegre dos successos mundanos anda em villegiatura pelo Gerez e pelas Caldas, esfusiando sob os pinheiraes da serra ou entre montões de cavacas appetitosas?

A Chronica não tem existencia propria, carece da vida dos outros para viver. Quando a movimentação quente da Primavera se extingue em volta d'ella, e quando a ultima caravana de veraneadores fugitivos se põe em debandada, á procura d'aguas medicinaes e d'ares fortemente oxigenados, a pobresita definha-se, cae exangue como se lhe picassem uma arteria, e morre.

=Ha muito que o bulicio da capital emigrou para as Caldas da Rainha, pelo braço do elegante chronista das *Novidades*, dizendo-nos adeus de relance, e esmagando-nos com um gesto desdenhoso, assim como quem chacotêa do nosso isolamento improductivo.

Fôram ambos para ali, bohemios doudejantes, e deixaram-nos a braços com a mais estupida de todas as semsaborias, diante d'esse monstro que se chama o cholera, isolados d'essa luz bemdita e adoravel que se chama espirito.

E' ouvil-os.

De manhã, banhos, inhalações, pulverisações de garganta e *douches*. Agua a rôdo. A' tarde, os enthusiasmos do *croquet*, os encantos do pôr do sol, as maravilhas das *Kermesses* – tambem já chegaram ás Caldas!—, os *pic-nics*, as merendas regadas com Champagne, as palestras bordadas com phrases diamantinas, os passeios á Batalha, as excursões ao pavilhão onde devem ser expostas as loiças de Raphael Bordallo. A' noite, walsas no Club, umas walsas doidas e ardentes, que o sr. conde da Lousã inventou para seu uso. Depois, contradansas marcadas; *cotillons* movimentados e phantasiosos, a capricho; gargalhadas crystallinas que vibram por entre os fremitos do baile; olhos que relampejam; attritos d'epidermes quentes que estonteam; muita graça a fuzilar como fogos de metralha, muita vida que se expande, muita mocidade em flôr que se innebria.

Lêram bem? Pois não lhes minto. Tudo isto se passa lá fóra, á custa do aborrecimento que hoje nos está esmagando, implacavel, com uma tenacidade de verdadeira carraça.

E vive-se assim, dirão, n'esta longa semsaboria profunda e persistente!

Que remedio? E' preciso viver, para cerrar os olhos aos que, porventura, cairem ao nosso lado, com as caimbras symptomaticas do cholera. Se morressemos de tristeza,—os poucos que não podemos ir rodopiar nas walsas do Club das Caldas — quem ficaria ahi para soccorrer os miseros cholericos, quando a epidemia nos visitasse?

Notem que eu escrevi *visitasse*. No dizer dos sabios indigenas, já nos *visitou*. A primeira victima foi um moço de fretes, oriundo de Pontevedra. Estivera em Lisboa exercendo o seu mister, e fôra-se para a terra, em setembro ultimo, por conselho da medicina, com ataques epilepticos e um padecimento chronico de figado e de intestinos. Os ares patrios deram-lhe allivios, e o homemsinho, deixando a mulher sob a guarda protectora do abbade, voltou aqui em junho d'este anno, depois de ter feito a quarentena do estylo no lazareto de Valença.

Mas o mal era de morte. O desgraçado já não podia arrastar, sob a padiola do seu officio, as dores que o torturavam. Recolheu-se ao Hospital de S. José, e lá morreu.

A segunda victima—houve duas!—foi um operario alfacinha, muito doente, um verdadeiro Lazaro com o corpo bordado de ulceras purulentas e immundas. O pobre diabo, como se as ulceras lhe não bastassem, foi atacado d'uma congestão pulmonar, cujos primeiros symptomas se manifestaram na manhã de 29, e deu a alma a Deus na noite d'aquelle mesmo dia.

Resumindo: o cidadão epileptico de Pontevedra morreu d'uma peritonite; e o operario chagado de Lisboa, foi-se d'uma congestão.

Mas os senhores da sciencia quizeram para si a honra de assignalar os *primeiros casos*, e chamaram-lhes pomposamente *casos suspeitos*. No primeiro, não houve dejecções, como no segundo não se observaram caimbras nem vomitos. Todavia, o hospital apavorou-se; o sr. Thomaz de Carvalho deixou cahir os oculos n'um estremecimento muito sacudido de terror; a policia pozse em campo; os telephones uivaram umas noticias espantosamente medonhas, e cá fóra diziam todos, com os labios desbotados pelo medo:—Já houve dois casos, dois, dois!!...

=Uma nota curiosa. A therapeutica hospitalar prescreveu para os dois *cholericos*, o da peritonite e o da congestão, depois de feito o diagnostico... simplissimos laxantes de magnesia!

Se a epidemia vem, a valer, e se a mestrança dos nossos hospitaes nos condemna ao mesmo receituario, é contar com morte certa, mas não se morre então da doença; morre-se da cura.

=A existencia d'estes dois *casos*, annunciada pelos esculapios espantadiços, fez com que se espalhasse em Lisboa um panico tremendo. O terror dos medicos communicou-se logo aos alviçareiros, e cada qual se encarregou de fazer correr a *galga* nos seus respectivos bairros, condimentando-a com uns laivos de melodrama pavoroso.

Porque ha entre nós—triste é confessal-o—quem ache prazer em semeiar o terror; quem brinque com as coisas sérias, como as creanças brincam com os soldados de chumbo. E o peior é que a mania estende-se já á imprensa periodica, atacou o proprio jornalismo.

Que innundações de prosa nas gazetas, a proposito do cholera! Que invasão de commentarios, de noticias, de mésinhas e de conselhos hygienicos!

Todos os dias, um terço de cada jornal é exclusivamente consagrado ao registro do microbio. Dão-nos Ferran guizado, Ferran frito, *bacillus virgula* d'escabeche, cordão sanitario de cebolada, lazareto de molho de villão... o inferno.

Tive ha tempos curiosidade de investigar as collecções dos jornaes antigos. Por occasião da ultima epidemia cholerica, as folhas periodicas do paiz não dispendiam com ella mais de dez linhas muito ligeiras, e essas mesmas não eram subordinadas a qualquer epigraphe terrorista: appareciam perdidas no *pêle-mêle* das noticias diversas, sem titulos d'espavento.

Seguramente imprime-se hoje, n'um só dia, ácerca do cholera ainda distante, maior quantidade de prosa, do que toda aquella que se gastou quando o hospede asiatico veio visitar-nos de facto, em 56.

E' que o amor pela lettra redonda cresceu, d'então para cá, na razão directa da ignorancia do indigena. Parece um paradoxo, mas é verdade.

=Ao contrario do que poderia esperar-se, a maior parte do publico—o que não anda veraneando commoda e alegremente pelas estações thermaes—acolheu o boato sinistro com uma indifferença estoica.

Esperando o *bacillus* de cara, como o *toreador* destemido espera o boi na praça, foi jantar ao restaurante dos Recreios, comeu-lhe bem e bebeu-lhe melhor. A'

noite estonteou-se com os graciosos meneios da *señorita* Aponte, na *Dona Juanita*; teve uns *olé, olé!* frementes, quando lhe deram o côro das pandeiretas; e por ultimo, assistio, na Explanada, a um duello d'injurias entre duas damas do *demi-monde*, que ajustavam contas antigas á luz crua do gaz, com acompanhamento da banda da Municipal, emquanto os cavallitos do hyppodromo faziam o seu gyro nas ranhuras do taboleiro verde, e um velhote baixo e boçal, bradava para meia duzia de basbaques lôrpas, em tom pigarrento:—O numero seis está a ganhar, meus senhores!

*

Ó noites de julho em Lisboa, como eu vos aborreço e detesto, mesmo sem o cholera e sem os artigos tetrico-finaceiros do sr. Antonio de Serpa, mesmo com a Aponte e a Negri, com as *zarzuelas* e a Explanada!

CASIMIRO DANTAS.

DE ALGUNS PROVERBIOS PORTUGUEZES

SERIA uma historia curiosissima a que se fizesse dos proverbios e dos anexins populares. Seria, porém, tambem difficil e quasi impossivel de executar. Como seguir a filiação de alguns proverbios que andam na bocca do povo, e que foram transmittidos de geração em geração pela tradição oral? A's vezes alguma coisa se póde conseguir saber, e as revelações interessantes que então surgem, mostram bem como seria optimo subsidio para a historia philologica e politica e social a historia dos proverbios e dos anexins da lingua.

Referir-me-hei brevissimamente agora a dois ou tres proverbios, cuja origem julgo conhecer, e que exemplificarão excellentemente o que acabei de affirmar.

A cada instante ha de ter o leitor ouvido proferir, até com aggravo para os habitantes de uma das terras mencionadas no anexim, a seguinte phrase:

Burro vae, burro vem
De Lisboa para Sacavem.

Os filhos de Sacavem dão cavaco serio com a rima, e julgam-se injuriados pelos dois versos. Pois nada teem com elles, como se vae ver.

Como é sabido, el-rei D. Fernando—vejam onde isto vae parar!—não foi dos reis mais valentes que nós tivemos. Contra o costume dos monarchas d'esses tempos aventurosos da edade media, que andavam sempre em guerras e batalhas, gostava mais de lidar com damas de rosto gentil e de suaves fallas, do que com os rudes homens de armas, e os valentes acontiados. Era ambicioso comtudo, mas deixava aos seus fidalgos o cuidado de lhe sustentarem as demandas, emquanto elle se entretinha em amorosos galanteios, julgando muito mais facil furtar Leonor Telles ao marido do que a corôa a Henrique de Trastamara.

Como um fraco rei comtudo, no dizer de Camões, faz fraca a forte gente, não foi D. Fernando muito feliz nas suas empresas. Henrique de Trastamara era um batalhador, que ganhára a corôa que cingia á ponta da espada, e tinha entre os seus amigos e alliados a mais valente espada do seu tempo, o heróe legendario da Bretanha, o condestavel Bertrand du Guesclin. Pois este condestavel, para punir o rei de Portugal das suas aspirações á corôa de Castella, entrou por esse Minho dentro, tomou quantas praças quiz, e andou muito á sua vontade devastando-nos as ricas provincias do norte.

D. Fernando bem sabia que o seu dever o chamava ás margens do Douro e do Minho, que a sua obrigação era ir em pessoa pôr termo ás atrevidas incursões de monsieur Du-Claquim, como lhe chama Fernão Lopes, mas o seu desamor pela guerra era mais forte do que a consciencia do seu dever. Saía de Lisboa com ares de quem ia anniquilar os invasores, mas chegava a Santarem, e não se sentia com animo de ir mais longe. Lá, pretextava o esquecimento de alguns aprestos importantes, e quando o povo da sua boa capital o imaginava no Minho, ahi estava elle de novo em Lisboa, até que a noticia da queda de alguma nova praça o levava de novo até Santarem.

Os gaiatos foram em todos os tempos os criticos descarados e impunes de todos os erros politicos, de todas as fraquezas e de todos os escandalos. O assobio do gaiato vae aonde não chega o pamphleto, aonde não penetra a satyra. Gavroche é de todos os seculos, e já havia Gavroches em Lisboa nos fins do seculo XIV. Vendo o rei D. Fernando ir a Santarem, e tornar para Lisboa, sair de Lisboa e voltar a Santarem, os atrevidetes desataram a cantar por essas ruas, quando passava a comitiva de D. Fernando.

Exvollo vae, exvollo vem
De Lisboa para Santarem.

Provavelmente, quando algum homem de armas do sequito de el-rei picava as esporas para castigar o bando insolente, a turba dos garotos desapparecia n'um abrir e fechar de olhos, exactamente como faz hoje, quando a cavallaria da guarda municipal quer seguir o mesmo processo, eternamente inefficaz.

Dá-nos d'isto noticia authentica D. Fernão Lopes na sua *Chronica d'el-rei D. Fernando*, e é nas paginas d'esse precioso livro que encontramos os dois versos satyricos da garotada lisboeta.

O estribilho era proprio para ficar na memoria do povo, que o foi repetindo, já sem saber o que elle significava, ainda muito tempo depois dos acontecimentos que o inspiraram. Como porém o povo tem a tendencia curiosa, que se encontra nos romances populares, de modificar o que recebeu da tradição oral, de forma que se lhe torne comprehensivel, quando se perdeu e com a transformação da lingua, a significação do *exvollo*, o povo passou a dizer:

Burro vai, burro vem
De Lisboa para Santarem,

Mas foram passando os tempos, e o povo começou a reconhecer que este ditado não tinha senso commum. Não é muito facil a um burro ir e vir de Lisboa para Santarem, terras separadas por uma distancia respeitavel, e naturalmente, para se dar verosimilhança á phrase, procurou-se uma terra que désse a rima e que não estafasse o burro, e assim a cantilena dirigida pelos gaiatos de Lisboa contra a fraqueza d'el-rei D. Fernando se foi transformando n'estes dois versos inexplicaveis:

Burro vai, burro vem
De Lisboa para Sacavem.

Conhecem de certo os leitores outro proverbio, que diz assim: «Falla francez como uma vacca hespanhola.» Que quer isto dizer? Porque se attribue assim ás vaccas hespanholas uma negação que existe provavelmente nas proprias vaccas francezas? Nunca ninguem, que me conste, conseguiu distinguir o mugido de uma vacca das margens do Loire, do mugido de uma vacca das margens do Guadalquivir. E' certo, porém, que o assobio não é originariamente portuguez; o proverbio veiu-nos de França, da propria França. São os francezes que dizem: *Il parle le français comme une vache espagnole.*

Vão ver porém que a origem do proverbio é simples e curiosa. Sabem os leitores que ha nos Pyreneus aquella raça vasconça intrepida e energica, profundamente distincta das outras raças da peninsula hispanica, e que no seio das suas montanhas conserva perfeitamente intacta a sua lingua original que nenhum parentesco tem com as linguas néo-latinas.

Ora essa raça existe na Hespanha e existe na França; habita as duas vertentes dos Pyreneus, chamam-lhes *Basques* os Francezes. Póde-se bem imaginar como elles fallarão o francez, quando se metterem n'isso. D'ahi veio o proverbio: *Il parle le français comme un basque.* E' bem provavel que se os Vasconços francezes fallam mal o francez, os Vasconços hespanhoes ainda o devem fallar peior. Por isso ainda ficou mais energico o proverbio com este pequeno accrescentamento: *Il parle le français comme un Basque espagnol.*

Mas o povo é que não sabe ethnographia, nem mesmo em França. Não sabiam no resto da França que existiam *Basques*, e, como essa palavra não tinha sentido para o povo, o povo substituiu-a, como faz sempre, por outra palavra parecida que tenha uma significação qualquer, e assim se formou o proverbio que diz: *Il parle le français comme une vache espagnole.*

Não é menos conhecido do leitor o proverbio: Tratar alguma coisa como *roupa de Francezes*. Suppoz naturalmente que o proverbio vinha do tempo da invasão de Junot. Tão mal trataram os Francezes a nossa roupa, que alguma desculpa tinhamos, tratando a roupa d'elles e a fórma da mesma roupa com muito pouca amisade. Era pois natural que d'ahi viesse o proverbio. Todos o supporiam, e tambem eu o suppuz. Mas um bello dia encontrei n'uma sylva de Thomaz Pinto Brandão, poeta popular do tempo de D. João V, os seguintes dois versos:

E ao seu arco, com talhos e revezes
Trataram *como roupa de francezes.*

Referia-se o poeta a umas diabruras que os gaiatos tinham feito a um arco triumphal levantado em Lisboa pelos commerciantes francezes, se bem me recordo, quando entraram na capital, vindo de Caya, o principe real D. José e sua esposa D. Marianna Victoria.

Já se vê que o proverbio era anterior a Junot. D'onde vinha não o sabiamos. Deu-nos a chave do enigma o sr. Fernando Palha, no seu magnifico estudo: *A carta de marca de João Ango.*

Os corsarios francezes eram, no seculo XVI, conhecidos em Portugal pelo nome de *ladrões de toda a roupa.* Parece que navio que elles pilhassem ficava completamente depennado. Por isso tambem soffriam crueis represalias quando lhes acontecia, como suc-

cedeu a Mondragon, cahirem nas mãos de Duarte Pacheco ou de outro heróe d'essa polpa. A roupa d'elles então passava tratos de polé, o mesmo acontecia aos que estavam por baixo da mesma roupa, e ahi está como os nossos contemporaneos menos instruidos, quando dizem: Então isto é roupa de francezes? alludem, sem o saber, a um dos factos mais curiosos da historia de Portugal no seculo XVI.

PINHEIRO CHAGAS.

A CANÇÃO DA CAMISA

A *canção da camisa*, uma das mais melancolicas canções de que no mundo ha noticia, é de um poeta inglez, que esteve em Lisboa e por quem o velho duque de Palmella se interessava.

Chamava-se o poeta Thomaz Hood, e era um dos collaboradores do *Punch*.

Moço esbelto, vivamente apprehensivo, desconfiado, susceptivel no ultimo grau, evitava a sociedade, e, por melhor que o acolhessem, e se esforçassem todos, por testemunhar-lhe agrado, havia n'elle como que um sentimento de esquivança até para com os sorrisos e agrados do mundo.

De todas as suas composições, a *Canção da camisa* é considerada a obra prima; e, dizem os criticos, que, tudo quanto os economistas escreveram por aquella epoca—e Deus sabe que não escreveram pouco!—com respeito ás classes laboriosas, tudo se apagou, na opinião publica, na estima e conceito do povo, deante d'esta canção que agitou a Inglaterra, melhor e mais rapidamente, do que os pamphletos que por aquelle tempo choviam de todos os lados, ou do que os discursos mais eloquentes em favor das classes pobres.

A canção diz assim:

Já com as mãos cançadas e os dedos gastos, escabeceando a cada instante, tendo os olhos a avermelharem-se e as palpebras a amortecerem, pucha sem cessar pela agulha e pela linha, uma pobre mulher, assentada n'um banquinho, e com o fato, que tem no corpo, todo roto e esfrangalhado:

Coser, coser, coser... Que assim lh'o exige a sua pobresa; e a fome, a fome... E vae cantando sempre, suspirando e soluçando, a *canção da camisa*... Trabalhar, trabalhar, até que a cabeça largue a andar á roda;

Trabalhar até que se perturbe a vista e que os olhos já não possam mais. Costura, sobre costura, bainha, debrum, orla, listra... Trabalhar até cair adormecida em cima dos botões, e cosel-os a sonhar.

Homens, homens, que tendes irmãs em casa, irmãs ás quaes quereis muito! homens, que tendes mães e mulheres, não é panninho o que usaes e no vosso corpo consumis, não é panninho, não,—é a vida humana!

Trabalhar, trabalhar... Cozer, cozer... Não ha parar no meu trabalho, não ha descanço. E que paga recebo d'isto? Dormir em cima da palha, embrulhada em andrajos, um bocado de pão; um tecto velho, um quarto frio, uma meza, um banco, e as paredes nuas, tão nuas, que até agradeço á minha sombra quando a vejo cair por ellas...

Ah! respirar a dôce primavera, ao menos, e ver o ceo por cima de mim e a relva a meus pés! Quem me dera, por uma hora que fosse, experimentar de novo o que senti antes de conhecer as torturas da necessidade e o triste passear que impede de ganhar para comer!

Não ter um momento abençoado para o amor nem para a esperança, e só tempo para amargar a vida! Far-me-hia bem chorar, e alliviar-me-hiam o coração as lagrimas; mas devo recalcal-as e não as deixar sair, porque me escurecem a vista, molham-me a linha, e retardam-me a agulha...

Ó morte! Porque penso em ti, phantasma descarnado, sem teu aspecto me metter medo? É porque te pareces comigo, tu, com quem a fome me fez parecida! Ó Deus! porque é o pão tão caro, e a carne humana por tão vil preço!

Dias antes de morrer, e já doente, Thomaz Hood conversava com alguns amigos. Riam todos muito. Elle pegou da penna e desenhou um mausoleusinho, como que a brincar. Poz-lhe por cima uma estatua, que dava idéa da figura d'elle. Por baixo, poz-lhe o seu nome. Em seguida, como epitaphio, escreveu este distico: «*He sang the song of the shirt*»—«Cantou a canção da camisa.»

Tanto o duque de Palmella como o velho Alcalá Galiano estimavam-o muito, e, este ultimo, dizia ser elle o homem mais alegremente lugubre que o sol havia alumiado desde que alumia gente.

JULIO CESAR MACHADO.

A NOITE NEGRA

(HISTORIA SAGRADA)

AMANHECIA, quando Carlos abriu os olhos ao cabo do seu pesado somno de oito horas, sempre immovel e todo vestido, sobre o sophá da sala. Debruçou-se mais para elle a cabeça de sua mulher, sentada ao lado, silenciosamente. No seu luto, ella era assim como que a personalisação da sollicitude maternal, velando o somno aniquilado de Carlos. Depois da morte successiva dos seus tres filhos,—oito horas depois da morte do ultimo,—tudo que ella sentia, acceitando tranquillamente os factos sem remedio, era uma suprema piedade por aquelle pae. Emquanto que elle para alli dormia, como um combatente fatigado e vencido, ella absorverase no cuidado ancioso do seu somno, attenta ás menores crispações nervosas que lhe passavam pelo rosto; nem sequer lhe lembrara o pequenino cadaver que arrefecia na sala proxima, ainda sobre o seu leito de morte.

Encontraram-se de perto os olhares de ambos, sem uma palavra. Áquella hora matinal, o candieiro acceso empallidecia, com a sua luz comida pela claridade livida das janellas. Madrugada baça e arrastadiça de dia ennevoado. Ouvia-se ao longe, a espaços, o canto rouco de um gallo. Depois, uivou um cão, longamente; e a manhã encheu-se de tragicos pavores.

—«Dormiste bem?»—

Elle não soube responder logo, apenas encolheu ligeiramente os hombros. Tinha o espirito embotado, escapava-lhe a percepção nitida das coisas; e só o peito lhe doia todo, de uma dôr em carne viva, como se aquellas oito horas de somno as tivesse passado a soluçar. Comprehendia vagamente que alguma coisa se lhe tinha desmuronado na vida; mas nada mais,—o resto apagava-se como n'um final de bebedeira, quando se tem cosido brutalmente algum vinho pesado e mau.

Na mesma voz baixa, de quem falla a um doente, ella perguntou:

—«Não tens frio?»—

De novo, elle encolheu ligeiramente os hombros, sem desfitar os olhos da madrugada crepuscular que mal empallidecia as janellas. Era bem longe que o seu espirito errava:—muito longe, em regiões vagas e desconhecidas, de uma solidão funebre que o transia. A sua consciencia acordava ronceiramente, como aquelle desolado amanhecer que se rojava ao longo do horisonte.

Uma torre, distante, bateu cinco horas; outras repetiram em tons differentes, espalhadas na paizagem. Depois, o mesmo cão uivou. Carlos sentou-se de chofre, como se repentinamente comprehendesse tudo; e chamou, alto:

—«Moloch!»—

No silencio pesado, a sua voz teve o effeito destoante de um grito n'um templo. Repetiu, baixinho:

—«Moloch!»—

Para o interior da casa, respondeu-lhe uma especie de gemido lamentoso. Avançaram no corredor passos abafados, e á porta da sala parou um cão monstruoso do S. Bernardo, com a cabeça baixa, triste, como um desanimado da vida.

—«Vem cá, Moloch!—disse Carlos, a rebentar-lhe dos olhos uma onda de lagrimas.»—

O cão veio, pousou-lhe sobre os joelhos a sua grande cabeça intelligente. Passou-se então alguma coisa de fraternal entre aquellas duas creaturas,—o pae e o amigo da creança morta,—que uma á outra diziam mudamente as suas dores e os seus desesperos. De olhar para olhar, trocavam-se a memoria consternada dos bons tempos agora perdidos, o infinito da sua saudade, a cogitação sombria do futuro. Carlos tinha-se curvado, e pouco a pouco ia deitando os braços ao pescoço do cão, em cujos olhos havia lagrimas; a cabeça enorme do animal, immovel, tomava a expressão e a intelligencia humanas.

Foram dois minutos, em que aquelle homem viu toda a sua vida passada, consumida em decepções funebres que sempre o vinham surprehender desprevenido:—um primeiro filho, fulminado pela meningite ainda no collo da ama, morrendo como um passarito a que apertassem o bico; depois outro, succumbindo ao mesmo mal estranho, na mesma edade; e finalmente aquelle, vingando até aos tres annos, fazendo-se de dia para dia mais robusto, e caindo emfim como os irmãos, ao golpe d'essa horrivel meningite que parecia affirmar-se uma verdadeira fatalidade hereditaria.

Quantos dramas e quantas angustias, entre o nascimento do primeiro e a morte do ultimo! E como para tornar mais tragico aquelle mysterioso anathema do destino, o amor paternal complicava-se em Carlos com um orgulho que lhe fazia necessario um filho, em quem podesse triumphar além da morte, e que lhe duplicaria os triumphos durante a vida. Era o prego insistentemente cravado no seu cerebro:—ter um herdeiro,—o herdeiro na accepção espiritual e nobre da palavra, a realisação da immortalidade da sua vida, alguem que fosse elle proprio quando elle proprio já não fosse. No fundo do seu coração, sinceramente dilacerado, era essa necessidade superior que punha uma especie de rancor pessoal contra a Morte, e que seccava as lagrimas

A INFANCIA E A MALICIA

da sua commoção na amargura do seu immenso desespero. Não havia só o luto na sua dôr:—havia tambem, palpitantes, como que um terror sagrado perante aquelle destino implacavel, e a final convicção da sua impotencia perante o desastre definitivo da sua vida.

—«Vae,—disse elle ao cão, arredando-o de mansinho. Vae, Moloch!» —

O animal partiu, como se comprehendesse. Havia oito horas que elle se não afastara do cadaver senão aquelle momento. A sala ficou de novo silenciosa, n'aquelle romper indeciso de madrugada. Carlos olhava, sem ver nada que não fosse dentro da sua consciencia, onde assistia de dente cerrado á ruina de todos os seus planos no ultimo dos seus amores.

Entretanto, sua mulher quereria communicar-lhe uma parte da sua tranquillidade, dizendo-lhe o raciocinio consolador das almas fortes e logicas perante a morte; mas sentia inutil qualquer esforço, ao mesmo tempo que a pungia como que uma apprehensão de cumplicidade n'aquella serie tragica de fulminações:—«seria d'ella que vinha a herança d'aquelle mal implacavel?...»—Acima de tudo, gelava-a a certeza de nunca mais poder dar a Carlos a sua maternidade; sabia positivamente, desde as complicações do seu ultimo parto, que não tornaria a ser mãe, e tanto bastava para a diminuir aos seus proprios olhos na sua dignidade de mulher. Sabia-se esterilisada, reduzida sem remedio a um genero neutro; e via-se intromettida, como um simples movel sem prestimo, na vida d'aquelle homem, tolhendo-lhe os movimentos pela sua inercia e pela sua inutilidade.

Olhando um para o outro, então, comprehenderam-se no seu silencio:—«era pois aquillo o fim de tudo?»—Fez-se nos labios de Carlos uma prega amarga de odio, nem elle sabia contra quê ou contra quem; mas adoçou-se-lhe essa expressão má, e teve a sua primeira palavra, a meia voz compadecida, para a dedicação tranquilla de sua mulher:

—«Coitada!...»—

Ella sorriu pallidamente: da bocca d'aquelle homem taciturno, que nunca tivera caricias nem enternecimentos senão para os filhos, uma tal palavra era quanto podia haver de mais commovido. N'aquelle momento, a dor amollecia-lhe a rigidez habitual do caracter aspero, tornado egoista e demasiadamente orgulhoso pelo excesso de individualismo. Carlos continuou:

—«Se tu quizesses dormir agora, Margarida, eu velaria...»—

Mas acabava de lhe lembrar, com terror, que ficaria sosinho n'aquella casa onde estava a Morte, por aquelle madrugar nevoento que parecia acordar com o remorso de uma noitada de crime; e punha-o covarde como uma creança, o pensar que algum cão poderia tornar a uivar ao longe, estando elle a sós de vela no silencio d'aquella casa:

—«Mas não,—acudiu elle,—é dia...»—

Margarida, comtudo, não pensava em dormir; antes de voltar ao funccionamento regular da existencia, queria deixar passar todos os pormenores ultimos d'aquelle final de drama, que fazia uma suspensão na sua vida:

—«Não durmo, não. Nem tenho somno. Ficarei aqui ao pé de ti, emquanto quizeres.»—

E Carlos foi abrir a janella, debruçou-se. Havia ao longe, no ceu, uma extensa mancha quasi rosada, o reflexo do sol apontando por detraz do horisonte. Era emfim o dia que raiava, resolutamente, clareando o crepusculo frouxo que primeiro ameaçára. Com os vagos rumores do amanhecer, como que se elevava de toda a paizagem uma essencia finissima de adoravel frescura. Nimbos de vapores algodoavam o contorno violaceo do horisonte. A madrugada rompia, de um encanto virginal na sua indecisão sorridente.

Carlos absorveu-se todo n'aquelle espectaculo, emquanto que aos seus ouvidos cantava longiquamente, como que em sonho, a alvorada de um clarim de regimento, derramando no ar fresco as suas notas vivas. Vinha da cidade, além dos quintaes escalonados pela encosta abaixo, o murmurio de uma colmeia humana que acorda para uma vida de alegria: murmurio indistincto, feito de todos os rumores dispersos,—quasi um zumbido. Na atmosphera limpa, ainda humedecida da noite, os sons elevavam-se com uma clareza penetrante. O clarim tocava sempre, e o seu longo appello madrugador suggeria a visão intuspectiva do cobre reluzente, cantando um hymno jubiloso ao sol. N'aquelle momento, eram raios argenteos que o astro despedia, orlando com elles as cumiadas fronteiras.

E Carlos fixou-se então, successivamente, em varios detalhes da paizagem. Interessou-o primeiro uma cruz de campanario, ao longe, no extremo de uma ala de casarias; á luz reflexa do sol, parecia uma grande cruz processional, de prata brunida, caminhando á frente de uma extensa irmandade. Depois, um bando de pardaes que atravessava o ar, gritando, encaminhou os seus olhos para uma janella em que o sol batia, na vertente opposta do valle, e que faiscava como uma lamina de metal em braza. Tinha-se-lhe amodorrado completamente no espirito a recordação dolorosa do filho, a sua alma vivia toda na alma pantheista das coisas; inconscientemente, aquelle scenario primaveral impunha-se-lhe, absorvia-o todo. Uma casita, no cimo da encosta, tinha o ar pittoresco de um moinho, emmoldurado em arvoredos. Carlos notou que as suas janellas, assim na distancia, pareciam riscos delgados de *fusain*; e as suas necessidades de ideal pozeram-se a fazel-o viver ali, emquanto que a chaminé soltaria as suas fumaradas patriarchaes ao ceu. Mas pareceu-lhe de chofre ouvir uma vózinha infantil que chamava: — «papá!...» — e essa voz era a propria voz do seu filho, repercutindo de além da morte no fundo do seu coração de pae. A paizagem ridente tomou aos seus olhos um aspecto torvo; o proprio sol fez-lhe frio, e a propria alvorada do clarim affigurou-se-lhe um cantico triste de funeral.

Houve então, na sua memoria, nitidamente, a revista desoladora do passado:— o seu filho crescendo a olhos vistos...—era já um homemsinho!—...elle edificando com amor o plano de um futuro delicioso, ambos atravessando a vida, de braço dado, contentes, como n'uma avenida de jardim em flor. Agora, Carlos sentia-se acuado na vida, como um javali no fundo de um desfiladeiro. Era d'esses que soffrem duplamente, porque raciocinam a dôr. Sabia quanto havia de orgulho maguado no seu luto. Em certos momentos, ao pensar com um rancor todo pessoal n'aquelle destino que lhe matava os filhos, surprehendia-se a voltar-se de repente, n'um arremesso, como para colher ás mãos um assassino que nos espreita.

E aquella dor constante e amarga, com crises subitas que lhe davam uma picada na carne viva do coração, punha-o pallido perante a evocação cruel da agonia do filho, como perante uma tortura de czar. Lembrava-se, lembrava-se bem...

Quatro medicos tinham dito, recusando-se á inutilidade de qualquer receita:

—«Não tem remedio nenhum!»—

—«Nenhum?»—

—«Absolutamente nenhum!»—

E Carlos fora a um d'elles, que era um amigo certo, e dissera-lhe:

—«Juras-me sobre a vida do teu filho que o meu filho está perdido?»—

—«Juro.»—

Não se fez mais livido do que estava; mas com uma tremura nos labios descórados, fallando-lhe quasi ao ouvido, disse:

—«Portanto... dá-me algum remedio para elle... Tu comprehendes, não quero que elle soffra mais...»—

E accrescentou, mais baixo ainda:

—«Nem quero vel-o soffrer mais!...»—

Depois, com uma receita que não leu, que não abriu sequer, deram-lhe na botica um frasquinho pouco maior que um dedal. Apenas notou de relance que elle tinha o rotulo branco com uma larga tarja preta, de luto,—a marca das drogas perigosas. E d'ahi até casa, estugando o passo, com o frasquinho na mão pendente, foi lhe esfarrapando o rotulo com a unha, para não ceder á tentação de o ler. Dez minutos depois da primeira colher, o seu filho exhalava, n'um suspiro de supremo desafogo, a vida, emquanto que elle, de joelhos á beira do leito, lhe beijava os pésitos já enregelados; e as ultimas palavras da creança, como se áquella hora tragica visse o que na consciencia d'aquelle homem se passava, tinham sido, com a garganta contrahida pelos estertores da agonia:

—«O papá... é muito... muito amigo!...»—

Tudo isso elle via, tudo isso elle ouvia ainda; e todo o seu ser se estrangulava de dôr e de raiva.

Margarida, entretanto, fora apagar o candieiro, e consultar o relogio de sobre o fogão. O relogio estava parado nas oito e vinte minutos, justamente na hora a que tinha morrido o seu filho; e essa coincidencia, apezar da sensatez do seu espirito, fez-lhe uma impressão de frio na alma, como se fosse a confirmação definitiva do seu lar envenenado e da sua vida perdida.

Lembrou-lhe então ir lá dentro, ver; e tão ancioso foi esse impeto, que partiu, emquanto Carlos se absorvia na contemplação melancholica d'aquella primavera em flor. A porta da sala mortuaria, ao fundo do corredor, estava aberta; vinha de lá uma claridade amarella de castiçaes, e um vago cheiro funebre de cera queimada. Margarida foi sem parar até ao leitosinho baixo, a cujos pés se enroscava Moloch, com a sua grande cabeça pousada nas cobertas; e olhou, longamente, immovel, o seu filho morto. Pareceu-lhe mais crescidinho... E nunca mais, nunca mais aquellas palpebras se abririam, nunca mais aquelles labios diriam:

—«Mamã!»—

Representou-se-lhe a sua maneira especial de dizer a palavra, separando as syllabas e roçando-se cariciosamente pelos seus vestidos:

—«Ma...mã!...»—

E affogou-a uma onda de soluços, emquanto que beijava por entre gemidos a testa da creança, gelada do frio caracteristico dos cadaveres.

No aposento morto, em que o clarão das velas diluia um estranho tom funerario no alvorecer titubeante, aquelles soluços punham uma agonia. Quando a mãe ergueu a cabeça, e fitou sobre o filho os olhos ennevoados, afigurou-se-lhe de repente que elle tinha nos labios cerrados como que uma contracção de severidade, e que a sua cabeça empallidecida se virava ligeiramente para o lado da parede. Teve um arranco de dôr, tomou-lhe a fronte ás mãos ambas; e n'uma onda de palavras, com o immenso enternecimento de que era capaz o seu caracter concentrado,

A VINGANÇA DO BOBO

disse-lhe todos os maravilhosos e santos mimos que sabem dizer as mães, accusou-se de não morrer ella em vez d'elle. E sempre lhe voltava aos labios uma palavra que resumia as suas infinitas saudades:

—«Meu amor .., meu amor .., meu amor...»—

Moloch escutava, como se fosse alguem. Tambem elle, tambem elle assim fallaria ao seu amiguinho morto, — se soubesse fallar! Mas sabia raciocinar; e era, — que elle bem o comprehendia na sua intelligencia de animal,—era aquella palavra que dominava o grito da sua dôr, como uma nota profunda n'um coro de tragedia antiga.

Alvorecia mais, as vidraças banhavam-se de uma tonalidade lactea. Margarida lembrou-se então do marido, e arrancou-se á comtemplação dolorosa do filho. D'alli em deante, percebia superficialmente que a sua vida estava emparedada n'aquella casa como n'um tumulo, para todo o sempre. Era com effeito o fim de tudo, aquelle desastre final em que descambava a sua existencia e o socego do seu lar. Nem a menor illusão conservava ainda; e nem sequer na sua consciencia discutia a possibilidade de recusar ao futuro uma resignação absoluta, perante as revoltas que antevia no espirito de Carlos.

Recolheu-se para dentro, extenuada e tremula, tendo de se amparar com as paredes. Mau grado seu, cambaleava; e tudo em torno de si fugia, como se um abysmo se lhe afundasse por todos os lados, a cada passada. Então, Carlos voltou-se da janella, ao sentir-lhe os passos; encararam-se um momento, soffregos de lagrimas, e lançaram-se nos braços um do outro, como se em volta d'elles fosse o naufragio irremediavel de um mundo.

BELDEMONIO.

AS NOSSAS GRAVURAS

PRAIA DA NAZARETH

Construida em 1377 a egreja da Nazareth, começou a povoar-se o monte onde ella assenta.

Em tempo de Filippe II tinha apenas trinta casas, pela maior parte terreas. N'essas casas e em barracas de mercadores era onde costumava recolher-se a romagem que concorria ás festividades da Virgem.

Em 1608 habitavam ali tão somente sete familias, um ferreiro, um tendeiro, e poucos vendedores de diversos generos para abastecimento dos romeiros visitantes.

Com o andar dos tempos foi-se alargando a povoação d'aquelle sitio, que tem actualmente cerca de 800 fogos; construiram-se muitos predios na falda occidental da montanha, e na praia que fica na planicie.

A nossa gravura representa parte da povoação da praia, e o extremo do promontorio que a defende do norte.

A praia da Nazareth, na freguesia da Pederneira, comarca e concelho de Alcobaça, districto de Leiria, provincia da Extremadura, situada perto da foz do Alcobaça, e distante de Lisboa 105 kilometros, começou a florescer no reinado de D. João IV.

Desde então foi-se multiplicando progressiva e rapidamente a população, que conta hoje quasi 4.000 habitantes.

A praia da Nazareth, cujo aspecto é encantador quando se contempla do alto da cordilheira, costuma ser frequentada, nos mezes de setembro e outubro, por muitas familias de Leiria, Lisboa, Alcobaça, Caldas da Rainha, Pombal, Thomar, Santarem, etc.

Os seus banhos não podem ser melhores.

*

As festas da Virgem da Nazareth começam no dia 8 de setembro de cada anno e continuam na quinta feira, sexta feira e sabbado seguintes.

A INFANCIA E A MALICIA

Que mal empregas o tempo, gentil creança, afagando carinhosa o mais traiçoeiro dos animaes que Noé recolheu na arca!

O meigo sorriso com que estás olhando para esse gatarrão espantadiço, ser-te-ha talvez retribuido com uma unhada cruel.

E elle, o bicho felino, ao cravar no setim da tua pelle rosada as garras lancinantes, ficará contente de si e glorioso de assim corresponder ao suavissimo reflexo da tua alma candida, affirmando as tradições da sua malevola raça.

E' manso, é intelligente, é lindo, falta-lhe só o fallar—dirás tu, innocentinha; e, confiada nas boas qualidades que lhe attribues, esquecida de que um momento basta para desencadear a tempestade, aconchegas ao seio virginal o symbolo da astucia e da malicia.

Pobre de ti, creança, pobre de ti, que has de ser mulher, se, habituada a confiar no disfarce que illude, na apparencia que engana, te deixares prender mais tarde na rede bem urdida de alguma promessa fallaz.

Agora, que ainda é tempo; agora, que o teu coração juvenil não pulsa ainda agitado pelas ardentes paixões d'este mundo; agora, que os teus formosos olhos se não inundam das lagrimas dos desgostos pungentes; agora, que ainda és feliz, porque és menina, deixa que te dê um conselho: Manda o bichano para o seu officio—o de caçar ratos—e volta-te alegremente para a borboletinha que volita ao teu lado, branca como a pureza da tua alma, como tu innocente e incapaz do mal, e que se quer com as flores, tuas e suas companheiras.

A VINGANÇA DO BOBO

Chamem-lhe doido, digam que é tolo! Digam-n'o se quizerem, mas fiquem certos de que nem todos serão da mesma opinião. Escusamos de indagar que motivos de queixa tem o bobo contra a criada. Mas o que é certo é que não se poderá inventar uma vingança mais cavalheirosa e galante. Que procedimento mais delicado queriam que elle tivesse, sim, digam lá? Outro qualquer injuriava-a; elle que é bobo, que passa por não ter juizo, descobrio a unica vingança em que tira a desforra, deleitando-se, e sem offender. Desprezal-a era um procedimento indigno d'um cavalheiro para com uma mulher. Nada, o melhor é dar-lhe beijos até não poder mais.

A CRIADA

Vê-se bem, por aquella *pose*, pelos atavios da *toilette*, pelo palminho bonito da cara, gentilmente emmoldurado n'uma touca *mignonne*, que nasceu para ter aias que a sirvam, em vez de ser aia dos outros.

Ha no seu busto delicado a linha distincta e fina d'uma dama *du monde*.

Onde a vêem, tem tendencias fidalgas. Reparem no desprezo com que ella poz ao canto a vassoura e os espanador, para se desvanecer na contemplação da chinella da ama, garridamente calçada no seu pésinho catita.

E o certo é que a chinella fica-lhe a matar. Se completasse o vestuario com uns setins caros e umas rendas de Bruxellas, toda a gente ficaria suppondo que era uma condessinha da mais fina agua.

Porque emfim, teem-se visto condessas mais feias e contornos de pé menos apettitosos.

A CREANÇA E O CAO

O quadro é vulgar, tão vulgar quanto expressivo. O cão namora a fatia de pão que o pequeno tem entre os dentes.

O assumpto tem moralidade de sobra para uma fabula.

Quantas applicações á vida pratica? Quantas vezes as migalhas dos pobres, dos fracos, dos simples, são olhadas com inveja, e disputadas com phrenesi, quasi com rancor pelos poderosos, pelos fortes, pelos avaros?

O cão, porém, mais *humano* do que o invejoso, do que o ambicioso, do que o avarento, não abusa, no caso sujeito, da superioridade da sua força; pede com humildade, estende a mão supplicante, manifesta o seu desejo, ou talvez a sua necessidade de compartilhar d'aquelle bocado, que prende toda a attenção da creança, e que, porventura, encerra o segredo da sua felicidade momentanea.

O FELIZ MATHEUS!

Elle dizia-o muitas vezes, para quem o queria ouvir:

—Não ha no mundo homem mais feliz do que eu. Tenho vinte e cinco annos de edade e cincoenta mil réis de ordenado, tenho uma saude de ferro e uma sorte de bemaventurado, não ha desejo que eu forme que se não realise immediatamente: se jogo, não ponho dinheiro n'uma carta que ella não saia logo n'esse mesmo instante; se compro uma cautella tem sempre premio; se olho para uma mulher ella está logo a morrer de amores por mim: até hoje nunca soube o que era um desgosto, uma semsaboria mesmo muito pequena, e para cumulo da felicidade, para cumulo da inverosimilhança tenho ha tres annos uma amante, uma mulher formosissima, a mulher mais bonita de Lisboa, que não vê no mundo outra cousa senão a mim, e que me é fidelissima...

E os amigos d'elle, os conhecidos, tinham até formulado um questionario ácerca do feliz Matheus.

—Quem é o homem mais feliz do mundo?

—O Matheus.

—O que é o Matheus?

—Um bruto.

—Um bruto de que?

— De felicidade.

—O que é aquillo que o Matheus nunca teve?

—Um desgosto.

—De que morrem as mulheres para quem o Matheus olha?

A CRIADA

—De amores por elle.
—Qual é a mulher mais bonita de Lisboa?
—A amante de Matheus.
—Em que se parece a amante de Matheus com os reis de Portugal?
—Em ser fidelissima.
E no Chiado todos os rapazes sabiam de cór estas perguntas e estas respostas, que eram quasi um *Deus te salve!* para todos elles, quando se encontravam.
E o Matheus ouvia muitas vezes esse questionario e ficava radiante. Tomava tudo aquillo como uma justissima homenagem devida á sua sorte excepcional, e tinha um orgulho alegre em ver que a sua felicidade era uma cousa sabida, uma cousa fallada, uma cousa de que ja se faziam compendios como o da doutrina christã.
No fim de contas o Matheus era realmente feliz, senão por o ser tão absolutamente como o elle o dizia, ao menos por absolutamente se considerar assim.
Mas como não ha bem que sempre dure nem mal que se não acabe, um bello dia o feliz Matheus começou a travar conhecimento com esse popularissimo cavalheiro muito dado, muito lhano, que se mette com toda a gente, e que se chama D. Enguiço.
Foi jogar e fez cêrco á dama—a dama negou-se, negou-se, negou-se, e quando no fim se dignou apparecer na meza, já o pobre Matheus tinha perdido todo o ordenado do mez que recebera n'esse dia, e mais umas sete ou oito libras que levara na algibeira.
O Matheus azoou seriamente com a cousa. Era a primeira vez que aquillo lhe acontecia.
—Nada, disse elle em voz alta, desesperado, fingindo rir, mas fulo lá por dentro, nada, vou vingar-me das damas, agora vou jogar contra ellas...
E saiu da batota n'um pulo, foi a correr a casa e trouxe um massinho de notas que lá tinha guardado ao canto da sua carteira.
Eram tudo notas de dez mil réis muito novinhas, que pareciam ter sido feitas n'aquelle mesmo momento. Vinte! Vinte notas de dez mil réis!
—Com isto levo a banca á gloria n'um momento! Nada! A sorte quer agora mangar comigo? pois engana-se redondamente, vou mostrar-lhe que ainda sou o feliz Matheus!
E encaminhou-se com uns grandes ares triumphante para a casa de jogo, apertando convulso na mão direita os duzentos mil réis, como um general aguerrido aperta o punho da espada no momento de entrar em campanha.
No caminho encontrou um amigo.
—O que é isso, o que tens tu Matheus? Acho-te um ar exquisito...
—Achas-me um ar exquisito? Dize lá—Quem é o homem mais feliz do mundo? interrogou Matheus recorrendo ao questionario feito em sua honra.
—E' o Matheus
—Pois esse Matheus, que é o homem mais feliz do mundo, acaba de perder perto de cem mil réis ao jogo.
—Meu amigo, isso de jogo são bens de sachristão: cantando vem, cantando vão.
—Nada, nada, para mim tem sido sempre a primeira parte.
—Mais uma rasão: agora regressam, cantando, ás algibeiras do seu dono...
—Isso é que não. Vou ensinar a sorte a fazer o seu dever... Olha... E mostrou-lhe o masso de notas.
—Para que é isso?
—Para me desforrar.
—Asneira! Perde, mas não te desforres!
—Isso é bom para os outros! Eu cá sou o feliz Matheus
E foi para a casa de jogo.
O monte estava concorridissimo.
O Ernesto, um amigo seu, o confidente dos seus felizes amores com a sua amante fidelissima, estava com uma sorte excepcional. Tinha já deante de si uma montanha de libras, de meias corôas, repousando sobre um alicerce de notas.
O Matheus começou a jogar. A dama é que o tinha feito perder, a dama é que lhe havia de dar a sua sangrenta vingança.
Até ali cercára-a, agora fazia-lhe saltos.
E a dama começou a apparecer sempre na mesa, como se não houvesse senão damas no baralho.
E as suas notas iam-se indo embora todas e passando para a montanha do Ernesto, que de vez em quando murmurava muito contente, recolhendo o dinheiro:
—Decididamente hoje estou muito Matheus, nunca me senti tão Matheus na minha vida.
O Matheus, o verdadeiro, é que se sentia inteiramente outro. Estava furioso, fingia sorrir, levar de brincadeira aquella derrota, mas empallideceu quando se encontrou apenas com uma nota de dez mil réis na mão que ha pedaço apertava vinte.
Um dos pontos, um tenente reformado, muito tumba, que pasava a sua vida a perder no monte e á roleta o dinheiro que pedia emprestado a toda a gente, olhava com um ar amigavel, com uma profunda sympathia expontanea, repentina, para o Matheus.
Até então embirrára sempre com aquelle rapaz tão insolentemente feliz, que contrastava singularmente com a sua tumbice chronica. N'esse dia começou de repente a gostar d'elle, presentiu que ia ter ali um collega do asar, um companheiro da *guigne* e principiou a achal-o um excellente rapaz, um bello rapaz.
Acercou-se d'elle com uma grande bonhomia amavel, e tocou-lhe no braço.
—O que é? Não lhe posso dar nada, estou a perder, só tenho isto, de duzentos mil réis, disse-lhe rudemente o Matheus, mostrando-lhe a nota.
—Não é para o senhor me dar nada, eu é que lhe quero dar uma coisa... Venha cá...
O Matheus foi.
—Eu é que lhe quero dar hoje um conselho, continuou o tenente velho, puchando-o para um vão da janella.
—Um conselho?
—Sim, o senhor bem sabe que eu n'isto de perder ao jogo, sou mestre; não faço outra coisa ha cincoenta annos.
—Pois eu vou sendo bem bom discipulo... Trezentos mil réis n'um dia é boa lição.
—O senhor só tem essa nota?
—Só.
—E trazia muitas?
—Vinte.
—E não lhe tem posto nada...
—Posto nada, como?
—Sim, se não lhe tem escripto coisa alguma?
—O que? na nota?
—Na nota, sim senhor.
—Não! que demonio lhe havia eu de escrever?
—Então por isso o senhor tem perdido.
—O que? por não escrever nas notas?
—Já se vê que sim! Quer afugentar o azar? Escreva nas notas qualquer coisa que as incite a voltar.
—Nas notas? Só tenho uma. .
—Então n'essa... Escreva e verá...
O Matheus sentia-se supersticioso, sentia-se enguiçado e cheio de confiança no conselho do tenente, seguiu-o logo a risca. Foi á casa d'entrada, pegou n'uma penna, e escreveu nas costas da nota:

Não te demores e traze as manas

E muito contente com esta sua phrase espirituosa, agarrou na nota e voltou a casa onde se jogava. Na mesa estava a dama de ouros.
—Salto! disse elle atirando para cima da carta a nota muito bem dobradinha.
—Cerco! disse o Ernesto pondo outra nota.
O banqueiro virou o baralho. Na palma estava a dama de espadas.
O Matheus olhou tristemente para a sua nota que foi servir de paga ao cêrco do Ernesto; depois pegou no chapeu e foi por ali fóra estonteado, sem saber para onde ir.
Andou toda a noite a passear desnorteado pelas ruas da cidade, ao acaso, custando-lhe muito a accommodar-se com os decretos do destino.
De madrugada, cansado já de andar tanto, foi bater á porta da casa da sua fidelissima.
—A senhora não está cá?
—Não está cá, repetiu elle espantado. Era a primeira vez que tal lhe acontecia. Não está cá ás tres horas da madrugada?
—Não senhor, foi passar a noite para casa d'uma tia que está muito doente.
—Era o que me faltava agora, uma tia doente! O demonio leve as tias.
E foi tristemente, sombriamente para sua casa, cheio de rancor pelas damas e pelas tias.
No dia immediato accordou com uma grande resolução—não tornar a jogar. Foi para o seu emprego e depois a casa da fidelissima.
—Está cá?
—Está, sim senhor, disse a criada.
—Então, a tua tia? perguntou elle.
—Está um pouco melhor, mas ainda está muito mal ..
—Perdeste a noite, heim? Isso faz-te mal, estás com umas olheiras.
—E naturalmente hoje tambem lá a perderei, e Deus sabe quantas mais, suspirou ella tristemente.
—Sabes? Hoje janto comtigo.
—Ah! jantas?!
—Janto, e não saio mais, fico a fazer companhia á minha Titina... disse elle muito meigo, muito amoravel.
—O peior é a minha tia... murmurou ella...
—Ora, a tia passa perfeitamente sem ti...
—Vamos a vêr, se me não mandarem chamar...
Jantaram. Quando porém começou a anoitecer, Matheus começou a olhar para o relogio. Era a hora de começar o jogo. Quem sabe se a desforra estava á sua espera?
—O que tens? Vê lá, se queres sahir, se queres dar uma volta não te contrafaças, disse-lhe a Titina.

—Não...
—Olha, até te faria bem; isto d'um homem não sahir depois de jantar, é muito mau para a saude. Anda por ahi tanta apoplexia, continou ella com uma grande solicitude, cuidadosa pela saude do Matheus.
—Pois sim, vou dar uma volta...
—Vae, vae, que é hygyenico...
Elle poz-se em pé, pegou no chapeu... e á porta disse a medo, meio envergonhado...
—Oh demonio!
—O que é?
—Não trouxe hoje comigo a bolsa, ficou-me na secretaria...
—Queres algum dinheiro?
—Sim, se tens ahi á mão algum... Para não ir sem vintem...
—Quanto queres? perguntou a Pitina, abrindo a gaveta do toucador.
—Uma coisa qualquer...
—Olha, toma lá uma nota...
—Não, uma nota é demais, disse Matheus por ceremonia, lembrando-se de que essa nota podia ser o anzol que a sua estrella lhe mandava do ceu para pescar os seus trezentos mil réis e a sua sorte antiga...
—Leva-a, até me fazes favor, não gosto nada de dinheiro em papel.
—Então, dá cá... logo t'a trago trocada. E sahiu, e foi direitinho para a casa de jogo.
—Tenho um palpite que hoje é que eu me desforro, disse-lhe pegando na nota e desdobrando-a, para a atirar para cima da mesa.
Mas n'isto recuou espantado... Acabava de lêr na nota, na nota que lhe lhe dera n'aquelle momento Titina, a fidelissima estas palavras escriptas na vespera pelo seu proprio punho:

Não te demores, e traze as manas

E possuido d'um grande furor, rasgou a nota em bocadinhos.
—O que fazes? endoideceste, perguntou-lhe o Ernesto, que entrava n'esse momento.
Matheus olhou terrivel, e enterrando o chapeu pela cabeça abaixo, disse-lhe n'um tom melodromatico:
—Canalha! Não te demores e traze as manas!
E sahiu como um raio pela porta fóra.
O Ernesto olhou muito admirado, sem perceber nada. Mas no dia immediato tinha percebido tudo, e o caso é que d'ali em diante o Matheus nunca mais se gabou de ser o homem mais feliz do mundo, e que, quando elle passava pelo Chiado, diziam rapazes uns para os outros, com uns ares trocistas:
—Não te demores e traze as manas!

GERVASIO LOBATO.

SUBMISSO

Mandas-me, cumpro. Eu sou o automato modesto,
Que a tua mão dirige e o teu olhar fascina;
Prende-se a minha vida á curva purpurina
Da tua bôcca e á luz do teu sorriso honesto.

Só quero o teu amôr (profundo amôr!) de resto
Em nada penso e creio. E' esta a minha sina.
Aos teus caprichos, flôr, todo o meu ser se inclina,
Seguindo a sua lei traçada no teu gesto!...

E n'esta escravidão cujos grilhões abraço
E beijo tanta vez, alarga-se-me o espaço
Em que oiço alegremente os rouxinoes cantar.

Eu fiz do meu segredo um carcere risonho,
O' despota gentil, embala-me este sonho,
Olha-me, eu quero luz! Falla-me, eu quero ar!...

Cintra, 27—7—85.

MACEDO PAPANÇA—Visconde de Monsaraz.

EM FAMILIA

(PASSATEMPOS)

CHARADAS

NOVISSIMAS

(A Miguel Pantoja)

Não é cá esta cidade, mas é villa—1—2.
Aqui e nos conventos é villa antiga—1—2.
E' appellido e cidade este mammifero americano—1—2.
Esta lettra grega vê este parasita—1—2.
Este adverbio n'esta serra é um crustaceo—1—2.

SANS-SOUCI.

Na pata d'este animal ha uma erva—2—2.

ABRUNHOSA.

EM VERSO

—Qual foi o preço
Porque compraste
O teu annel
—De lindo engaste?
—O preço d'elle
Dizer não sei,
Dormia o dono,
Quando o comprei.—2

—E foi por cá
Que tu fizeste,
Essa proeza
Que me disseste?
—Não, foi bem longe
Bastantes milhas,
Foi lá na India,
N'uma das ilhas.—2

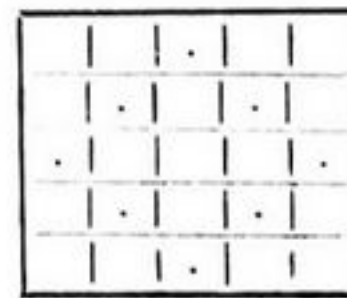
Isto valeu-me
Por muitos mezes
Ser vigiado
Algumas vezes.
Não me importei,
Porque eu bem via
Que um anjo bom
Me defendia.

CUSTODIO SILVA.

Denota a minha primeira
Cousa subida, eminente.—2
E' parte do corpo humano
E anda sempre bem patente—2

Por conceito, meu leitor,
Acha um livro, sim senhor.

J. A. D.

EM LOSANGO

| | . | |	Sou vaso mui conhecido.
| . | | . |	Fazel-o é proprio d'um bicho.
. | | | | .	Das nações fui mui temido.
| . | | . |	Junto dos muros me inclino,
| | . | |	E sou d'um verbo o supino.

Põe sempre a mesma vogal
Onde encontrares signal.

Bensafrim. G.

ENIGMA

PROBLEMA

Dividir um hexagono regular em cinco partes, que reunidas convenientemente formem um quadrado.

MORAES D'ALMEIDA.

DECIFRAÇÕES

DAS CHARADAS:—Velhori—Paca—Semicrapo—Tangara—Panegyrista—Acromania—Senhoraça—Parasito—Arcabuz—Papagaio—Corsario—(Ma-ri-a—ri-bei-ro—a-ro-ma)—(Lei-ri-a—ri-car-do—a-do-nis).

Do LOGOGRIPHO:—Ligagamba.
Do PROBLEMA:—O algarismo é 6.

A RIR

No tribunal:
Uma mulher é accusada de ter envenenado seu marido com arsenico.
A ré decide-se a entrar no caminho das confissões.
—Resulta da autopsia, diz-lhe o juiz, que o corpo de seu marido continha uma porção de arsenico capaz de matar quatro pessoas.
—Pobre homem! responde a accusada imperturbavel; se elle foi sempre um comilão!...

*

Em um concerto, a pianista Z... tocava horrivelmente. Dois infelizes, que tinham a desgraça de ouvil-a, communicam as suas impressões.
—E' abominavel!
—Então que quer? respondeu o outro philosophicamente, é a exemplificação do preceito evangelico:
«A mão direita deve ignorar o que faz a esquerda.»

*

Um amigo nosso foi ha dias convidado para jantar em casa do visconde de...
Depois de assentados á meza todos os convivas, a viscondessa, que é muito supersticiosa, contou-os um por um, e exclamou, cheia de susto:
—Jesus! São 13!...
—Não tenha v. ex.ª receio, disse-lhe o nosso amigo. Eu encarrego-me de comer por dois.

UM DOMINÓ.

UM CONSELHO POR SEMANA

NODOAS DE CAFÉ COM LEITE

Para apagar estas nodoas, das toalhas ou do fato, applica-se glycerina sobre o ponto manchado, que depois se lava com um pedaço de panno bem limpo, ensopado em agua morna, até desapparecer a mancha. Em seguida põe-se a seccar.

CARTAS AFRICANAS

(A' SR.ª CONDESSA DE...)

VISITA AO LAGO INHASSIME

(CONCLUSÃO)

DEPOIS de feitos os cumprimentos, e emquanto se ultimavam os preparativos do almoço, o governador, o secretario, e o chefe de serviço de saude, fôram fazer um reconhecimento fóra da povoação.
Eu fiquei; assentei-me n'uma quitanda, e a meus pés, n'uma esteira, veiu assentar-se o regulo, seguido dos seus grandes.
Então o regulo significou-me, por todas as demonstrações e por meio do interprete que eu tinha junto de mim, a satisfação em que abundava e o orgulho que sentia em receber nas suas terras a *mangula*, a primeira senhora branca que era vista n'aquellas paragens. Que elle era subdito fiel do governador (mangulo) mas da senhora—da mangula—se declarava escravo, elle, e o seu povo.
Respondi-lhe que elle, assim como todos os outros regulos, não eram subditos do governador, nem escravos dos brancos—que eram, sim, vassallos do rei de Portugal.—Que nós representavamos aqui o mesmo que em relação a elles, regulos, representam os seus cabos, que mandam governar terras distantes que não podem ter debaixo das suas vistas. Assim, nós vinhamos de muito longe, das terras d'além dos mares, nos grandes navios que passavam mezes na agua para cá chegarem, governar e proteger estes povos sob a auctoridade do rei, senhor dos brancos e dos pretos d'estes paizes. Que el-rei era amigo dos pretos e desejava a felicidade d'elles, exigindo que todos os brancos os tratem bem, não auctorisando nem tendo conhecimento das injustiças e maldades que muitos regulos teem soffrido dos capitães-móres que enganam os proprios governadores.
O meu pequeno discurso, amoldado ás intelligencias que o escutavam, causou uma impressão nos ouvintes. Elles ignoravam inteiramente a lei em que viviam, e a palavra *rei*, que adulteravam em *ré*, soava pela primeira vez aos seus ouvidos.
O regulo perseguiu-me com perguntas sobre a pessoa do rei e sua familia. Perguntou-me se era muito bonita a senhora do rei, se tinha filhos, como eram, etc., etc.
Estes pobres negros, tão soffredores e de tão boa indole, são muitas vezes victimas da mais revoltante barbaridade e injustiças praticadas pelos capitães-móres, que sempre teem sido filhos do paiz, de raça mestiça, em interesse pessoal, ou por vinganças mesquinhas, sendo notorio que todo o governador que pensasse em ver alguma coisa, em percorrer as terras da Corôa, e em saber o que por lá se passa, seria immediatamente transferido ou exonerado, por influencia das potencias locaes.
Emquanto almoçámos, o regulo afastou-se, e rodeado de numeroso auditorio, esteve-lhe explicando o que eu lhe tinha dito, empenhando-se em que bem se compenetrassem das idéas que eu lhe incutira.
O governador presenteou-o com aguardente—o que elles mais apreciam, e eu com *pallós* (pannos) para as suas mulheres. Depois de termos almoçado, voltou para ao pé de nós. Tudo para elle era motivo de admiração.—Gostou muito de queijo, dos nossos vinhos e de outras coisas que lhe dei, mas, sobre tudo, no que se lhe iam os olhos, era no leque de côres vistosas com que me estava abanando. Dei-lh'o. O homem não queria acreditar que o fizessem possuidor de tão maravilhoso objecto, e quando se convenceu, ficou tão contente e orgulhoso, que se ergueu, e agitando o leque por cima da cabeça dos outros negros que estavam na esteira, exclamou:
«—Agora tambem eu sou rei!»
Ditoso leque! Quando te adquiri, á custa de 240 réis, mal julgarias estar fadado para sceptro de uma realeza!
Os pretos são umas verdadeiras creanças!
O regulo de Nhanambe nunca mais me chamou senão mãe.
Este *meu filho* deve orçar pelos setenta annos.
Do Nhanambe dirigimo-nos ao regulo de Pataguana, um velho muito agradavel, que ficou satisfeito de nos receber pela segunda vez.
O trajecto é lindissimo, admiravel, e feito quasi todo atravez das florestas. Não se imagina a opulencia d'uma floresta virgem e o encanto indefinivel de atravessal-a nas primeiras horas do dia!
As arvores, os arbustos, as trepadeiras, os parasitas que trepam pelos troncos, tudo se confunde em profundezas de verdura incommensuravel! A luz que a custo penetra a espessura da verde abobada, arranca á folhagem, toda orvalhada, reflexos prateados. No solo alastram-se tapetes de flores escarlates, veludosas, e por entre a ramaria destaca-se o oiro das perpetuas bravas, os cachos de campainhas azues, as moitas de lyrios côr de rosa, e a rubra flor do ananaz. As aves, formosissimas, saltitam pelos ramos e cantam, algumas divinamente, unicos accordes que despertam o silencio d'estas verdejantes solidões, transitadas por uma vereda estreitissima, a um de fundo, tendo quasi sempre d'irem alguns cypaes na frente a abrir caminho, afastando e quebrando os ramos para poderem passar as maxilas. Prodigiosa natureza esta, virgem, selvatica, opulenta e desafogada, ostentando as joias do seu imperio, com todo o cortejo das suas galas primitivas!

. . . .

E' preciso inventar alguma coisa para passar as horas estacionado n'um sertão. Atirar ao alvo era sempre um dos nossos entretenimentos. Na Pataguana como nas outras povoações, todos os pretos, homens, mulheres e crianças, vinham rodear-nos, maravilhados de verem atirar com rewolvers, de verem sair tão forte detonação d'uma arma tão pequena.
Quando tiravamos as capsulas para tornar a carregar, saltavam todos, e atropellavam-se, para as apanharem do chão. Vi depois o uso que faziam d'ellas: areiam-n'as, furam-n'as, enfiam-n'as e põe-n'as no pescoço. A arvore que servia d'alvo era curiosamente visitada por todos.
Outro passatempo: Uma caçada. Aos tigres? Aos leões? Aos bufalos? Nada d'isso. A's... borboletas.
Ora... para caçar borboletas não vale a pena andar pela Africa... Certamente. Mas não é forçoso a quem cá venha pôr-se em termos de ser caçado... por algum tigre. Antes ir caçando, do que ser caçado, ainda que seja borboletas e passarinhos.

. . . .

Quando anoiteceu, mais de cem fogueiras brilharam no acampamento. Os negros, agrupados em volta, assavam maçarocas de milho e mandioca, e um ou outro fumador de *bangue*, que tem propriedades identicas ao *haschisch*, apregoava as suas imaginarias proezas, em altos gritos, no desvairamento excitante da rasão perturbada por aquella embriaguez que os deleita e embrutece.
O nosso jantar, servido sobre uma quitanda nivelada com tabuas, estava delicioso; e como nos achavamos justamente na orla da floresta, alguem se lembrou da possibilidade d'um tigre nos assaltar no banquete.
Tomando a lembrança na devida consideração, mandámos logo accender uma formidavel fogueira, postada como defesa entre o *banquete* e a floresta, d'onde já irrompiam uns certos rumores suspeitos.

Depois do jantar os negros fizeram batuque landim, esse vigoroso exercicio guerreiro, que pela primeira vez presenciámos em Jogani.

Cedo nos recolhemos ás nossas palhotas, e eis um dia e uma noite como todos os outros passados no sertão.

. . . .

Quando as bosinas e os tambores tocaram a alvorada, saltei da rede em que dormia, e sahi para fóra. Começava a nascer o dia, e agonisava a noite. As fogueiras ainda crepitavam. Algumas estrellas esmorecidas luziam frouxamente.

Os primeiros alvôres da madrugada e as derradeiras sombras da noite fundiam-se n'uma tinta confusa, adelgaçando os vapores que occultavam a grande massa das florestas. Os nossos cypaes, estendidos junto das armas ensarilhadas, eram os primeiros a erguer-se, e esperguiçando-se iam despertar os carregadores e maxileiros adormecidos ao pé das fogueiras. A poesia do quadro, comtudo, não me fez olvidar que não deviamos partir com o estomago vasio. Puz em movimento os meus creados, mandei fazer chá, e buscar as latas dos biscoitos que todos trincaram, e pelas 5 horas estavamos a caminho.

Ahi recompensámos e despedimos a nossa escolta e carregadores, uns valentes, que voluntariamente aguentaram tão extensa marcha, sem quererem ser rendidos, sem nos largarem, declarando, por ultimo, que, para a *outra vez*, tambem queriam ir comnosco.

Depois de termos almoçado e passado as horas de calor, dispozemo-nos a embarcar para a villa. Descendo á praia depararam-se-nos ainda os nossos cypaes, formados, á nossa espera, e em frente d'elles o régulo de Machicha.

Esperava-nos uma galharda embarcação, para a qual fomos conduzidos nos braços dos negros.

Estava uma tarde fresca, o ceo limpido e a agua socegada.

O vento era-nos favoravel. Soltaram-se as vélas que se agitaram como um frémito de grandes azas, o barco inclinou-se em ares de cortezia, adernou e partiu veloz, descrevendo uma esteira espumante.

Entretanto, os cypaes saudavam-nos e manobravam. Um ou outro sahia da fórma, dando saltos e gritos, demonstrações de sympathia exprimidas a seu modo, e adeuses de despedida.

Na orla da praia, quasi junto á agua, a elevada estatura do

A CREANÇA E O CÃO

O trajecto offerecia a mesma belleza. Grandes florestas e tambem bastantes terrenos cultivados. Cearas de milho e de mexoeiros, semeadas de grupos de bananeiras e divididas por ananazes, que brotam aqui pelo matto, como as piteiras em Portugal.

Chegámos a Malahiça já pela força do calor, e ahi resolvemos descançar dois dias. Era metade do caminho. Os srs. Oliveira e Gardean, empregados da hospitaleira feitoria Regis, proporcionaram-nos todas as commodidades, e na melhor disposição seguimos jornada para o régulo Juquendá, senhor do vasto territorio de Cumbana.

Este régulo, muito velho, quasi sempre embriagado, e em cuja povoação eu entrava pela quarta vez, faz-me a honra de dizer que sou *sua filha*! Lisonjeiros parentescos! *Filha* do Juquendá e *mãe* do Nhanambe!

De Cumbana seguimos para Mutamba, sendo para lamentar a necessidade de ahi pernoitarmos. E' um local insalubrissimo, com pessimas aguas, e preza de mosquitos. Attribuimos a esta paragem as febres que depois nos assaltaram e ainda soffremos, não escapando a ellas nem os cosinheiros e moleques, apezar de serem pretos naturaes do paiz.

Depois d'uma noite mal passada continuámos, ao amanhecer, a jornada para Machicha, um sitio delicioso, povoado de *machambas* e revestido de palmares que se miram nas aguas mixtas do rio e do oceano.

régulo, desenhada pela brilhante cabaia escarlate, dava um toque de vivo e gracioso relevo áquelle quadro interessante, emmoldurado pelos verdes palmares.

. . . .

Oh Africa! tu podias ser boa, se os *homens* não te fizessem tão má!

. . . .

Querida condessinha, o mais que tenho para te dizer da Africa, ouvil-o-has da minha bocca, mas fica certa de que os taes *senhores dos governos*, sejam elles amarellos, verdes ou azues, não sabem fazer senão diabruras!

Africa Oriental, 29-3-85. HORTENSIA.

CONDIÇÕES DA ASSIGNATURA

Em todo o Portugal		Em todo o Brazil	
Anno, 52 numeros....	2$080 réis.	Anno, 52 numeros..	10$000 rs. fr.
6 mezes, 26 numeros..	1$040 »	6 mezes, 26 numeros	5$000 » »
3 mezes, 13 numeros..	520 »	Avulso..........	200 » »
No acto da entrega....	40 »		

Administração—Travessa da Queimada, 35, 1.º, Lisboa

TYPOGRAPHIA DO «DIARIO ILLUSTRADO», TRAVESSA DA QUEIMADA, 35, LISBOA